

UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE A CRÍTICA AO RACISMO EM FANON

Bruno Freitas Santos¹

Debora Maria dos Santos²

RESUMO: O presente artigo objetivou discorrer a respeito da filosofia de Fanon e sua luta pela causa negra frente ao racismo e a discriminação que foi implantada dentro da sociedade eurocêntrica. O problema de pesquisa é investigar como a presença de um resquícios de uma sociedade racista e discriminatória estão vigentes numa sociedade em que a minoria branca mantém o poder. A abordagem partiu ancorou-se numa pesquisa de levantamento bibliográfico, cuja fonte de pesquisa se deu por meio de artigos acadêmicos da área. Como resultados das discussões percebe-se a relevância de novas visões e modelos sociais de educação, que possuam um maior poder de alcance na equidade social.

Palavras-chave: Educação; Discriminação; Racismo.

A BRIEF APPROACH ON THE CRITICISM OF RACISM IN FANON

ABSTRACT: This article aimed to discuss Fanon's philosophy and his fight for the black cause in the face of racism and discrimination that was implemented within Eurocentric society. The research problem is to investigate how the presence of remnants of a racist and discriminatory society are in force in a society in which the white minority maintains power. The approach was based on a bibliographic survey, whose research source was through academic articles in the area. As a result of the discussions, the relevance of new visions and social models of education can be seen, which have greater power to achieve social equity.

Keywords: Education; Discrimination; Racism.

INTRODUÇÃO

“O racista numa cultura com racismo é por esta razão normal. Ele atingiu a perfeita harmonia entre relações econômicas e ideologia.” (Frantz Fanon)

Numa sociedade exclusivista, o racismo e a discriminação são duas armas ofensivas na relação a luta negra por direitos e por igualdade racial sobre o seu destino. Enquanto essa sociedade permanecer presa em dogmas e ideologias em que uma

¹ Mestrado no ProfEPT IFSertãoPE.

² Doutoranda em Comunicação pela UFPE. Mestre em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social pela UFRPE. Professora substituta do curso de Jornalismo da UESPI – PICOS.

classe/raça se considere como especial e superior, se torna imperativo contestar o conjunto de dogmas e ideologias que afetam a personalidade e a identidade negra.

O objetivo do artigo é refletir sobre esse objeto de estudo, racismo, que vem sendo o teor de muitas pesquisas e debates filósofos, na tentativa da construção de sociedade cada vez mais democrática, equitativa e humana. A justificativa da pesquisa, se dá pela necessidade de se aprofundar sobre esse assunto que vem ganhando cada vez mais atenção no cenário filosófico nacional e internacional.

Exclusão, alienação, reprodução, oportunidades negadas e sonhos podados para os negros que culturalmente e historicamente foram vítimas da escravidão e da exclusão de alternativas de vida mais dignas. Ao abrir os olhos para equidade social de direitos humanos, frente a figura do homem negro, uma educação que se pretende democrática tende por meio da reprodução de um cenário tradicional de dominação, manipulação e exploração entender os desiguais como iguais. Para termos um cenário de reconstrução para um maior espaço com voz e vez para as populações negras é necessário compreender que os desiguais devem ser tratados com as políticas afirmativas que restituem e reparem de alguma forma essa centena de anos de opressão. Por isso a necessidade incessante de combater esse repetitivo ciclo vicioso em pleno século XXI, da segregação, da dominação, a negligência e o descaso social que imperam a cada instante na vida em sociedade para pessoas pobres e de pele negra.

CONTRIBUIÇÕES DE FANON

O conjunto da obra de Fanon (2008), mais especificamente *Pele Negra, Máscaras Brancas* se constitui num universo riquíssimo de possibilidades interpretativas que ainda precisam ser cuidadosamente descritos. Em suas obra, Fanon parte de sua experiência pessoal no contexto da França para construir um desenho das violências (em todos os seus aspectos) e continuamente desvelam as nuances que são constituídas essa dominação. Com isso, é possível perceber um desenho único em torno da crítica radical ao colonialismo de sua época e de épocas passadas e da busca pela emancipação humana,

principalmente das pessoas de pele negra que foram condenadas por uma sociedade tipicamente branca ao descaso e as mazelas das sociedades em que viviam.

Pontos chave esses, que ganham grande relevância em todo o cenário filosófico mundial. O autor ainda oferece uma importante contribuição para compreendermos as principais contradições sociais do nosso tempo, e toda as suas complexidades em mundo contraditório e controverso com inúmeras possibilidades e visões de mundo.

Reagindo contra a tendência constitucionalista em psicologia do fim do século XIX, Freud, através da psicanálise, exigiu que fosse levado em consideração o fator individual. Ele substituiu a tese filogenética pela perspectiva ontogenética. Veremos que a alienação do negro não é só uma questão individual. Ao lado da filogenia e da ontogenia, há a sociogenia. (FANON, 2008, p. 28).

A luta antirracista e anticolonial em Fanon parte justamente da psiquiatria. A maneira como ele descoloniza essa área do saber, fez com que seja considerado um revolucionário, Fanon construiu um debate sobre o racismo e a efervescência de seu pensamento sobre descolonização, no qual revela a ferida histórica e cultural que ainda nos afetam diretamente ou indiretamente em uma sociedade egoísta e hipócrita.

Em “Pele negra, máscaras brancas” revela com precisão o tamanho e a dimensão de uma sociedade preconceituosa e discriminatória. Um problema, que em todas as temporalidades afetava o físico e o emocional.

Retomar suas obras é se ver no espelho da vida real, onde os indivíduos conseguem, ver realmente as feridas históricas e culturas do racismo e do preconceito, algumas já cicatrizadas e outras ainda abertas. A favor da luta pela e para a independência de seu país e pela luta abolicionistas. Fanon (2008) traz consigo um grito sufocado de liberdade, de emancipação e de sonhos. Tal problema, se repete de forma desumana e cruel em vários dos nossos cenários.

As armas contra uma sociedade anticoloniais em uma sociedade segregada, não é uma tarefa fácil, o que até hoje se repete de forma desumana e covarde com os mais fragilizados, como um ciclo vicioso que deixa rastro de destruição e marcas profundas.

Um clássico de suas obras, o seu Primeiro livro de Frantz Fanon, "Pele negra, máscaras brancas" é um dos textos mais influentes dos movimentos de luta antirracista desde sua publicação, alcançou dimensões incalculáveis. Afirma que as pessoas são

movidas o tempo todo por sentimentos, emoções, capacidades, competências e habilidades. Essa frase tem um grande peso e um significado enorme, quando interpretada sobre a ótica do realismo, que mesma traz.

No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há complexo de inferioridade após um duplo processo: • inicialmente econômico; • em seguida, pela interiorização, ou melhor, epidermização dessa inferioridade. (FANON, 2008, p. 28).

A violência que exclui, que magoa o físico e emocional dos indivíduos. Dessa forma o referido autor, traz os diferentes gêneros de sua escrita e uma luta incansável pela conquista dos Negros, por liberdade e por autonomia com a temática do respeito e com a devida valorização, que as pessoas merecem. Santos afirma que:

[...] os negros não só haviam se rebelado contra a escravidão na última década do século XVIII e proclamado sua independência em 1804, como também – sob direção de Toussaint L’Ouverture – colocavam em prática os grandes princípios da Revolução Francesa, o que acarretou transtornos fatais para muitos senhores de escravos, suas famílias e propriedades. Ora, perguntavam-se alguns assustados “grandes” homens que viviam no Brasil de então, se em São Domingos os negros finalmente conseguiram o que sempre estiveram tentando fazer, isto é, subverter a ordem e acabar de vez com a tranquilidade dos ricos proprietários, por que não seria o mesmo aqui? Garantias de que o Brasil seria diferente de outros países escravistas, uma espécie de país abençoado por Deus, não havia nenhuma, pois aqui, assim como em toda a América, os quilombos, os assaltos às fazendas, as pequenas revoltas individuais ou coletivas e as tentativas de grandes insurreições se sucederam desde o desembarque dos primeiros negros em meados de 1500 (2007, p. 61).

O brilhantismo de Fanon (2008) se dá em toda a sua existência humana, e isso é possível perceber por meio de sua escrita e daqueles que viveram diretamente ou indiretamente ao lado dele, pois ele envolve inúmeras questões sociais, que vão desde feminismo negro, até as questões pequenas e que são de tamanha relevância para todos os cenários e contextos sociais.

Episódios de racismo e de discriminação do cotidiano, se repete a cada instante e se percebe, que não há as devidas intervenções para amenizar esse cenário de violência e de descaso social. Nos moldes de uma sociedade manipulada, nem sempre não há, espaço para uma liberdade, diálogo democrática de fato.

Olhe o negro!... Mamãe, um negro!... Quietos! Ele vai se zangar... Não lhe dê atenção, meu senhor, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto a

gente... (...) olhe, um negro, faz frio, o negro treme, o negro treme de frio, o menino treme porque tem medo do negro... (Fanon 2020, p. 129).

A questão do racismo e da discriminação do negro, é ainda um grave problema, que afeta a todos levando a maioria das pessoas de pele negra a um destino de discriminação e de racismo frente , a uma sociedade tida e considerada como branca.

Na avaliação de Fanon, (2008) as realidades econômicas e sociais são muito mais obscuras do que daquilo, que pensamos e imaginamos. O complexo de inferioridade, é um sentimento ainda, que impera em parte da população que é negra, gerando cada vez mais preconceito e discriminação, que se resulta nos mais diversos tipos de violência.

A civilização europeia impôs uma série de modismo, e que culturalmente está muito enraizado a ideia de embraquecimento, e que o homem branco sempre foi visto com maiores e melhores privilégios sociais, que de fato vem, ocorrendo ao longo da história da humanidade, levando a população negra as margens da rejeição e da exclusão social em muitos aspectos.

Historicamente o racismo colonial é responsável por uma série de problemas, que temos na nossa sociedade, e que afeta não só o físico, mais também o emocional daqueles, que sofrem e vivenciam na pele esse tipo de violência, que muitos casos é silenciosa e dolorosa, com marcas profundas.

Quando se percebe na sua imediatez o contexto colonial, é patente de que aquilo que fragmenta o mundo é primeiro o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça. Nas colônias, a infraestrutura econômica é também uma superestrutura. A causa é consequência: alguém é rico porque é branco, alguém é branco porque é rico. É por isso que as análises marxistas devem ser ligeiramente estendidas, a cada vez que se aborda o problema colonial. (Fanon, 2010, p. 56).

Os países colonizados como o Brasil sempre tiveram que encarar o peso e as barreiras do racismo e da discriminação, pois o perfil dos desbravadores de terras e de seus conquistadores sempre teve a nomenclatura de homens brancos.

Junto com a discriminação e com o racismo nasce também o sentimento de inferioridade, e uma sensação de inexistência e de impotências, frente a tais realidades que são vividas. Uma realidade, que precisa ser paulatinamente transformada. Porque no Brasil o branco, o mulato, o pardo, o mameluco também é negro uma vez que, somos um país miscigenado, e não uma raça 100% pura.

O domínio do povo branco sempre trouxe a exploração e a manipulação de diretos e de trabalho escravo com marcas registradas. As sociedades sempre sofreram uma espécie de metamorfose em vários aspectos e sentido, porém no requisito racismo e discriminação, ainda há muitos retrocessos. “o racismo não é um todo, mas o elemento mais visível, mais cotidiano, para dizermos tudo, em certos momentos, mais grosseiro de uma estrutura dada”. (Fanon, 1969, p. 35).

Na psicologia e da ditadura do colonialismo, o que prevalecia era a lei do mais forte e daquele que detinha algum poder econômico. A língua é uma forma de gerar algum tipo de preconceito ou de discriminação.

O apagamento das diferenças é o sonho utópico de muitos idealizadores, sejam eles conhecidos ou anônimos, que ganharam as páginas da história. Assim, nasceu vários movimento sociais, como a revolução africana, em relação ao racismo e a cultura violenta imposta no momento era uma das possíveis soluções para amenizar tais entraves sociais, que tanto afetam todas as dimensões da sociedade.

O racismo é definido por Almeida (2019, p. 37) em três esferas: individual, institucional e estrutural. No âmbito individual, ele é atribuído a grupos isolados; O racismo institucional é compreendido como resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere desvantagens e privilégios com base na raça. O racismo pode ter formas diferentes e alterada pela ação ou omissão dos poderes institucionais, como o Estado, escola, polícia, dentre outros, a esse se dá o nome de racismo estrutural

Nos escritos de Fanon (1969) à reflexão sobre a noção de racismo cultural, vem se perpetuando ao longo dos anos. “A guerra é um negócio comercial gigantesco e toda a perspectiva deve ter isto em conta. A primeira necessidade é a escravização, no sentido mais rigoroso, da população autóctone”. (FANON, 1969, p. 37-38).

Fanon em (1969), durante o I Congresso dos Escritores e Artistas Negros, culturais desabafou acerca da violência política e simbólica e levantou a bandeira na luta anticolonial, que a séculos vinha se perpetuando na forma de dominação e de exploração. Uma análise crítica, ao dizer que a cultura e os comportamentos motores e mentais são sempre de natureza discriminatória. O racismo é de fato um elemento cultural, que está enraizado nas culturas e na educação da humanidade .

O racismo cultural é uma forma de opressão sistematizada de um povo, e que tem grandes estragos na destruição de valores culturais, de modalidades de existência. Ao mergulhar nesse tipo de cultura imposta, como a dominante, se perdeu muitos valores e muito da essência de humanidade e de afetividade. Diante disso, encontra-se diante de uma sociedade da manipulação de uma aparente democracia, que na verdade se configura numa e desigualdade de direitos injusta que gera a supressão dos dispositivos opressores de toda uma sociedade.

Quando discutimos identidades, estamos dizendo que o poder deslegitima umas em detrimento de outras. O debate, portanto, não é meramente identitário, mas envolve pensar como algumas identidades são aviltadas e ressignificar o conceito de humanidade, posto que pessoas negras em geral e mulheres negras especificamente não são tratadas como humanas. Uma vez que o conceito de humanidade contempla somente homens brancos, nossa luta é para pensar as bases de um novo marco civilizatório. É uma grande luta, que pretende ampliar o projeto democrático (RIBEIRO, 2018, p. 21).

Um dos males da sociedade foi batizado de racismo legalizado do colonialismo, e que tem podado os sonhos de muitos. Fanon (2008) afirma que as declarações das lutas de libertação por uma sociedade equitativa são faces que não passam de uma forma de adaptação ou abrandamento daqueles que se revoltam com tal sistema de sociedade branca europeia que aliena e que segrega.

O Estado soberano é o primeiro a disseminar a semente do racismo e da discriminação, obrigando as suas populações a viverem com tal cenário caótico de desprezo e de negligências. Neste ponto, chegamos aquilo que o autor denomina de violência que se desdobram-se numa pilhagem dos esquemas culturais, que se configura na forma de posições e regalias sociais “epidermizadas” que são marcadas por uma divisão racial e social (FANON, 1969, p. 38),

Assim o antigo opressor, reaparece com um nova roupagem, uma nova maquiagem, nesse caso em específico os dominadores do Estado, enquanto poder capitalistas (2021, p. 184). Gates Jr. Fala com precisão da literatura de Fanon (2008) e nela é possível tirar uma imagem real da colonização, como uma espécie de “espelho invertido” das representações dos nativos com animais selvagens. De definir o que é o pós-colonial dentro do processo histórico de dominação colonial que escraviza e segrega os indivíduos.

As lutas pela independência, pela emancipação social e pela equidade de direitos são fatos marcante em todas as páginas da história da humanidade e sempre aconteceu

sobre as entrelinhas das disputas pelo poder e diversas formas de exploração neocolonial, como alertou o autor em destaque .

O povo colonizado não está só. A despeito dos esforços do colonialismo, suas fronteiras permanecem permeáveis às novidades, aos ecos. Ele descobre que a violência é atmosférica, escala aqui e ali, e aqui e ali derrota o regime colonial. Essa violência triunfante desempenha um papel não somente informador como também operativo para o colonizado. (Fanon, 1968, p. 53).

Fanon (1969) escrevia aos intelectuais de sua época, para que pudessem tomar atitudes em conjunto rumo a um futuro muito mais igualitário diante das diversas realidades e situações contraditórias e adversas . O racismo para Fanon é tanto um “produto” quanto um processo fruto do grupo dominante, que desconstrói seus “valores, sistemas e desmoronadas princípios. Assim, o racismo para Fanon é tanto um: “produto” quanto um processo pelo qual o grupo dominante lança mão para desarticular as possíveis linhas de força do dominado, destruindo seus “valores, sistemas de referência e panorama social”: a exploração neocolonial são marcas registrada em todas as temporalidades, e que vem se repetindo como um ciclo vicioso . As críticas realizadas por Fanon (2008) aponta os muitos exageros de violência em relação a luta de libertação da Argélia, e de todos os demais que compartilhavam os mesmos sonhos e ideais.

As novas fronteiras do racismo e muros da discriminação, não são tão novas assim. Uma vez que ,as mesmas são históricas e culturais, e vem se perpetuando . Tais problemas como a discriminação e o racismo continuam de pé mesmo, frente a uma sociedade informatizada, antirracista e violenta (FANON, 2008, p. 88-89). Os negros continuam entre os grupos mais prejudicados pela desregulamentação trabalhista e a perda de direitos sociais dentre tantas outras atrocidades sociais, que vem sendo cometida ao longo dos tempos. Fanon (2008) sempre se pôs como um observador da situação geopolítica onde dentro das condições de liberdade e igualdade ideais, que se almejava conquistar (ZEILIG, 2011, p.36-7).

A morte simbólica e físicas das pessoas negras ao longo da história da humanidade é alarmante, quando se contabiliza os problemas referente a violência e a intolerância racial, isso ganha novas proporções e estatísticas reais.

Subcidadania desumanizadora é a realidade de muitos que sofrem com os desmandos e com as mazelas de uma sociedade violenta e cruel com os mais fragilizados e vulneráveis socialmente.

Um perfil de sociedade racial, de classe e de gênero em várias dimensões dessa sociedade em que poucos detém dos melhores privilégios e das regalias. A histórica e existencial da presença do fenômeno da discriminação racial se dá. A questão do racismo envolve uma questão muito seria de princípios, valores e de ideologias de uma massa nebulosa que compõe o racismo, com elementos subjetivos e de negacionismos, além de aspectos econômicos.

A luta do negro, tem sido marcada por muito sangue e constância que as vezes perturbam o conforto da sociedade branca, que historicamente, tem dominado o mundo em todas as extremidades. A obra de Frantz Fanon (2008) retrata ainda as questões dos conflitos sociais de hoje, de ontem e se não houver uma reeducação de valores e de princípios irão repercutir no amanhã bem próximo.

Nesse processo da colonialidade epistemológica, não há espaço para a democracia enquanto houver a divisão social do trabalho da classe trabalhadora primeira de segunda classe e de terceira classe. Em outras palavras, enquanto houver a existência desse modelo alienador de política e capitalismo, Não haverá cidadania plena, enquanto houver racismo, seja ele qual for. Fanon, critica “a infraestrutura econômica, que por sua vez é a causa e a consequência de inúmeros problemas que nos atingem diretamente ou indiretamente.”(...) as análises marxistas devem ser ligeiramente estendidas, a cada vez que se aborda o problema colonial”. (Fanon, 2010, p. 56).

O pensamento anticolonial e revolucionário sempre foi o desejo de consumo de muitos que ansiavam a liberdade uma sociedade equitativa. Frantz Fanon (2008) fala da estrutura de um pequeno grupo de colonos brancos e de uma maior parte da população que era negra e que estavam submergidas nas margens da exclusão social e de uma sociedade desumana e cruel em relação a cor de pele. Em última instância Fanon falou de um novo humanismo, que abriria uma nova abertura para aos excluídos e ‘deserdados da terra’ (GROHS, 1968, p. 554).

A estrutura social de uma elite preferencialmente branca trouxe um fardo muito pesado ao negro, que ficaram reféns desse sistema de exploração e de escravidão. Vi um

homem negro como uma máquina de trabalho ou um animal braço- de- força e de resistência, como um fantoche nas mãos dos homens brancos. Fanon (2008), explica que a dicotomia das relações entre o branco-francês e o negro-colonizado sempre foram conflitantes, sendo necessário a construir sua identidade (GROHS, 1968, p. 544)

Fanon (2008) escreve sobre a questão racial de maneira peculiar, porque as suas primeiras vivências mais concretas foi dentro do universo amargo da discriminação .O autor em toda a sua vida levantou a bandeira da questão dos valores da négritude como um aspecto preliminar para uma sociedade muito mais humana e equitativa.

Na obra “Pele Negra, Máscaras Brancas”, o referido autor critica a alienação promovida pelo sistema de assimilação cultural preconizado pela França e que posteriormente se espalhou por todo o restante do mundo ocidental e oriental.

A personalidade de Frantz Fanon (2008) sempre foi de um jovem idealista, mas um pensador negro portador de forte personalidade, que lutou incessantemente contra uma guerra trágica e horrível que é o racismo e da discriminação. “[...] literalmente, em obter a identificação desses indivíduos aos interesses e valores sociais da ‘raça dominante’” (Fernandes, 1972, p. 27).

. As denúncias da época revelavam uma situação de opressão social, política e econômica. O “complexo de inferioridade acompanha o negro , um “complexo de superioridade” por parte do branco, mas este complexo é marcado por um sentimento de castração de sonhos e de oportunidades (Fanon 2008, p. 147)

Fanon (2008) fala da violência como um fenômeno que funcionava como uma catarse, pois era uma maneira do colonizador dominar e adestrar os seus súditos. O livro “Pele Negra, Máscaras Brancas” representou como Fanon realizou uma série de relações entre o conceito de négritude e a percepção dessa ideia pelo universo cultural francês-europeu de ser. E desse modo muitos integrantes das populações negras, ainda sofrem com crise de identidade, em meio a toda essa condução ideológica em que vivemos. Fanon fala de se obter o poder “absoluto” sobre o corpo negro coisificado, a condição basilar do reconhecimento social na periferia. (Fanon, 1968, p. 39).

a uma luta em sociedade entre dominadores e dominados, onde há domínio e conquistas entre os mais fragilizados socialmente falando. Fanon sempre conviveu no

meio das injustiças e das desigualdades sociais e dentro da obra ele faz uma releitura de “Pele Negra, Máscaras Brancas” onde Fanon expõe:

abri os olhos que tinham vendado e já querem me afogar no universal? E os outros? Aqueles que “não tem boca”, aqueles que “não tem voz”. Tenho necessidade de me perder na minha negritude, de ver as cinzas, as segregações, as repressões, os estupro, as discriminações, os boicotes. (2008.p. 194)

Fanon (2008) heroicamente e ousadamente falava da necessidade de compreensão do processo de descolonização e que construiria uma “nova narração do sujeito” pautada na igualdade de gênero e nos direitos iguais, sem distinção de cor. Apresenta ainda o debate sobre a consciência racial, não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo. Como explica Fanon, “uma outra solução é possível, quando se trata de combate ao racismo e a discriminação: a reestruturação de um novo mundo” (Fanon, 2008, p. 82).

As experiências amargas do homem negro ao longo da história da humanidade tem, sido muito ruim para aqueles, que sentiram na pele a dor da rejeição e da exclusão social.

Fanon (2008) associava o movimento da négritude como uma forma de resistência à alienação de dominação que, vem sendo construída ao longo dos anos. Fanon (2008) ainda vai além em seu livro “Condenados da Terra” onde o referido autor faz duras críticas a esse modelo de sociedade e essa visão ideológica de que o homem branco é superior ao homem negro.

O racismo cultural é responsável pelas diferenças entre preto/ branco reforçando um fortalecimento da cultura, tradição e valores alienadores. O movimento pela igualdade dos povos colonizados, sempre foi a bandeira de muitos idealizadores como Fanon, mas que em diferentes temporalidades, tem esse sonho adiado por ns questões e barreiras culturais. Onde se trabalhou as teorias de legitimação a favor de uma luta árdua e constante contra o racismo, não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo .

Conduzir o homem a ser acional, mantendo na sua esfera de influência o respeito aos valores fundamentais que fazem um mundo humano, tal é a primeira urgência daquele que, após ter refletido, se prepara para agir. (Fanon, 2008, p. 184).

A Négritude foi assim, um movimento ideológico, com objetivos políticos, quebrando os laços do racismo que foi implantado na mente, nas ações e no comportamento humano. De Uma forma transversal o livro “Pele Negra, Máscaras Brancas” pôde

demonstrar claramente o quanto Fanon(2008) utilizou-se da négritude, para as transformações político-sociais em sua época e também abrir portas para as futuras gerações que com certeza levaria a frente a bandeira da igualdade, da liberdade e da equidade.

A trajetória de Fanon (2008), é caracterizada pela luta e pela resistência, que em alguns momentos acabou em frustração mas que em outras faces foi semente e coroa de vitória que serviriam de mola impulsional para outros, que cedo mais tarde se juntaria, a esse importante movimento.

Anos mais tarde, Fanon (2008), foi profundamente afetado e movido por este movimento, mas questionava a afetividade africana frente aos preconceitos da racionalidade europeia. Enfatizando a importância de ser negro mesmo em um mundo oprimido pelo racismo e pela discriminação social e racial que ao longo dos anos, vem sendo posta como um câncer corrosivo dentro da sociedade.

Para Fanon (2008) preocupava com o valor da négritude, da liberdade e da conquista do povo negro enquanto a necessidade de se priorizar a dignidade humana como um princípio importantíssimo para a vida dos indivíduos, principalmente daqueles que mais sofrem com as mazelas da sociedade na atualidade. O racista numa cultura com racismo está presente em todas relações econômicas e ideológicas .

O colonialismo, o racismo, as humilhações e todo tipo de segregação aparecem mais fortes do que nunca, o que mostra um retrocesso, quando se fala de uma sociedade civilizada e com conceitos e práticas tão arcaicas e ultrapassadas. Com colonialismo, e os variados tipos de violência, que ocorria se pensava em lutas de libertação nacional e que se perduraram até os momentos atuais .

A opressão dos artistas e escritores negros sempre foi uma militância árdua e sufocante em nome de garantias para a aquisição de liberdades de todo tipo. Fanon (2008) defendeu sempre a legitimidade da manifestação filosófica-cultural dos negros colonizados, como uma forma de reivindicar os direitos iguais. O dogma da superioridade da cultura europeia e da sociedade branca, sempre foi um capítulo sombrio da nossa história. As reivindicações e a exaltação da cultura negra em todos os contextos sociais.

Eu, homem de cor quero apenas uma coisa: Que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a dominação do homem pelo homem. Isto é,

de mim por outro que me seja permitido descobrir e querer o homem onde quer que ele se encontre. (Fanon, 2008, p. 265).

As lutas revolucionárias por uma sociedade igualitária e equitativa sempre foi o desejo dos sonhadores que almejava a tão sonhada carta de alforria. No entanto, os colonizados sempre sofreram o risco eminente de se tornarem definitivamente sem-pátria e desenraizados, pois os mesmos não conseguiram desenvolver o sentimento de pertencimento dentro de uma determinada sociedade.

Fanon (2008) fala das diferenças e do respeito e do reconhecimento de um mundo mais justo, e em concordância a tudo isso Boaventura Souza Santos em sua famosa frase: "as pessoas têm direito a ser iguais sempre que a diferença as tornar inferiores, contudo têm também direito a ser diferentes sempre que a igualdade colocar em risco as suas identidades" (Santos, 1997, p. 10).

Fanon (2008) em toda a sua trajetória incentivou o combate revolucionário por sua participação emancipação do homem negro dentro da sociedade e no campo da cultura. A cultura negro- africana, em especial no Brasil tem um peso de muitos quilates, uma vez que a formação desse povo se dá por esse processo de miscigenação. De forma dramática e poeta Fanon(2008) diz que a liberdade do negro em um sentido mais amplo

Em toda lógica branca, ocidental, nunca houve espaço para a valorização dos homens negro em meio aos valores éticos e morais destorcidos. Os colonizados sempre viveram dentro de uma cultura alienada e alienadora, onde a dimensão universal era pautada no princípio da exploração e da dominação de pessoas uma cultura de manifestação e de consciências cauterizadas e alienadas mundialmente.

Desse modo é exercido um “despotismo descentralizado” capaz de exercer o controle das populações nativas, tornando as mesmas escravas de determinados contextos e realidades sociais. Para Schwarcz:aborda a existência de “sociedades antropológicas” pregavam a noção da “imutabilidade dos tipos humanos” – e no limite das próprias sociedades -, os estabelecimentos “etnológicos” mantinham-se fiéis à hipótese do “aprimoramento evolutivo das raças”. (Schwarcz, 1993, p.71)

Pode-se concluir que Fanon (2008) expressava a “universalidade” de direitos humanos, onde tal experiência serviria de ponte para a construção de uma sociedade mais humana e justa. Assim, ele prioriza a construção de uma “consciência nacional” pautada

na valorização dos indivíduos independentemente de sua cor ou classe social, sem a presença história, cultura e tradição de conceitos alicerçados no racismo, na segregação e na exclusão social. A estrutura racial foi e é fortíssima útil para que continuasse exercendo o controle político e econômico e humano entre as pessoas (Zeilig, 2011, p.19).

Considerações sobre o fanonismo são amplas e varia de acordo com a teoria ou corrente filosófica. As interpretações sobre o racismo, colonialismo, e as relações de opressão sempre foi um palco montado para o desenvolvimento de exploração e de dominação, o que por sua vez gera a dor, e o sofrimento. De modo mais simples, percebe-se o pós-colonial se mantendo dentro de uma hierarquização de relações racistas e discriminatórias.

O personagem-Fanon (2008) que se tornou lendário e revolucionário para a sua época e para as páginas filosóficas da história, não foi silenciado, mas fez um mapeamento da trajetória de uma sociedade egoísta, exploradora e alienada que sempre viu um homem negro com um objeto, ou uma máquina de trabalho. Uma violência, que hoje precisa ser combatida com maior vigor. Onde não haja mais espaço para a tortura e para a manipulação e dominação de pessoas. Ao longo de suas obras, Fanon argumenta sobre as relações raciais, onde os negros aparecem como meros fantoches dentro dessa condição de fragilidade e de vulnerabilidade social (Sartre, 1987, p. 07),

Fanon (2008) tornou-se ao longo da história um representante da luta negra numa sociedade de poucos e para poucos. E quando se fala da guerra argelina, contra um sistema corrupto de opressão imposta pela França no Norte da África, e melhor dizendo por todo o mundo, sem nenhuma distinção geográfica.

Fanon (2008), ainda abraçou a causa da inclusão ao invés da exclusão do negro no mundo todo. Por último, ressaltou a importância de um novo humanismo, que priorizasse a valorização do ser humano de forma omnilateral. E ao observar sua obra “Os Condenados da Terra” Fanon explicitava que muitos ao nascerem, já estava previamente condenados a um destino de opressão e de escravidão em relação ao tipo de cor que carregaria sobre o tom de pele que teria.

Em qualquer nível que a estudemos – encontros interindividuais, denominações novas dos clubes esportivos, composição humana das cocktails-

parties (festas), da polícia, dos conselhos administrativos dos bancos nacionais ou privados – a descolonização é simplesmente a substituição de uma “espécie” de homens por outra “espécie” de homens. Sem transição, há substituição total, completa, absoluta. (FANON, 1968, p. 25).

A luta contra tais ideais de civilização francesa, precisava dá espaço para uma perspectivas para a libertação e não para opressão, como já vinha acontecendo ao longo dos séculos da humanidade. Exploração, torturas, racismo, liquidações coletivas, opressão racional são os níveis diferentes para de castigos, que acontece por meio da nação ocupante e dominante.

"Olhe um preto!" O círculo fechava-se pouco a pouco. Eu me divertia abertamente. "Mamãe, olhe o preto, estou com medo!" Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível. Eu não agüentava [*sic*] mais, já sabia que existiam lendas, histórias, a história e, sobretudo, a *historicidade* que Jaspers havia me ensinado. Então o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. (Fanon, 2008, pp. 104-105).

Ao analisar Fanon (2008) não se fala apenas da luta de libertação da Argélia, mais de uma gama de possibilidades de outros assuntos que esta contextualizados com esse, como uma luta de todos. A obra de Fanon (2008) gerou não apenas um discurso colonial de uma falsa liberdade, mais de mudanças sociais reais e concretas, que não beneficiaria apenas um grupo mas a todos, que tinha o mesmo fardo na forma de racismo e de discriminação a ser encarada e superada todos os dias.

A dominação colonial trouxe uma série de problemas a curto, médio e longo prazo:

As estruturas heterogêneas e conflituosas que são tidas como características do discurso colonial. Isso significa não elevá-lo acima de suas localidades do discurso dele como transcultural, transhistórico, Teórico Global, não simplesmente lança-lo para a batalha (Gates JR,1991).

As Reflexões conclusivas de todas as suas defesas seria do combate contínuo do sistema o colonial, pós-colonial, racismo, a da discriminação sempre de forma corruptas dessa história e que afora se prioriza a busca pela identidade e liberdades dos negros e da condição sub-humana e desumana que muitos forma submetidas ao longo da história. Fanon (2008) prega a inserção de uma geração de transformadores e multiplicadores, que não fique apenas presos a um mero discurso colonial. Mas que represente a força de uma voz de um povo que historicamente, foram explorados e condenado a um vida de violência e de dominação.

De maneira nenhuma se deve frear as lutas de transformação político-sociais. Fanon (2008) explica que todos tem direito a uma pátria e a uma terra e que não somos “deserdados da terra”. É possível recuperar e redefinir a identidade racial, que em meio ao longo dos anos vem se perdendo, mas que também se defende a lógica da dignidade humana. O racismo é caracterizado pela exploração desavergonhada de um grupo de homens por outro que chegou a um estágio de fragilidade, que na maioria das vezes como uma opressão, possibilita e legitima o racismo da forma mais covarde.

As produções e os valores culturais do “mundo negro” tem uma grande riqueza de detalhes e de inúmeras contribuições históricas e culturais. A exclusão em vários sentidos tem sido uma ponte para dominação, mas que deve abrir espaço para o diálogo e para a equidade social. Um sistema de dominação com estruturas heterogêneas e conflituosas que são tidas como características do discurso alienador desse tipo de sociedade. “O racismo não implica apenas a exclusão de uma raça por outra, pressupõe um efeito desastrosos que, vai muito além da exclusão e da dominação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente às questões que aqui foram tratadas, buscou-se refletir acerca da temática, onde é possível perceber a importância dos negros e as sua luta frente a independência e luta por direitos frente a tantos vilões e vilãs como o modelo de uma sociedade, que se firma no tripé da manipulação, dominação e escravidão .

As diferenças e as desigualdades são gigantescas, e se tratando de cor de pele isso maiores e piores proporções frente ao tipo de sociedade, que temos. A formação das elites excludentes, racistas e discriminadoras sempre esteve no topo dos mandos e dos desmandos. Lamentavelmente em todas as temporalidades, e sempre houve a divisão social do trabalho entre trabalho braçal e trabalho intelectual, entre da educação privada com a pública, ficando as margens da precariedade social os negros e os pobres.

A história da humanidade sempre foi marcada, por um modelo de sociedade e de educação voltada para os interesses do modo de produção capitalista, da dominação e da escravidão de pessoas vistas em muitas ocasiões como bestas de cargas, moldada aos interesses da elite, que busca o enriquecimento e que escraviza e segrega os indivíduos.

A ignorância e a negligência social frente a visão dos negros são um dos muitos problemas, que afetam a construção de uma educação e de uma escola democrática e uma sociedade acessível e equitativa aos mais vulneráveis.

Assim, é necessário se pensar num modelo de sociedade que educacional, que quebre as fronteiras da exploração e da segregação social e que vise alcançar o respeito a figura do homem negro.

Desse modo deve se pensar numa ação e numa intervenção essencial e radical que rompam com esse caráter conservador e reprodutor de sociedade exclusivamente branca e que historicamente, vem escravizando e dominado os mais fragilizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, M. da S. Desumanização da população negra: genocídio como princípio tácito do capitalismo. **Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 131-154, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/15086/0>
Acesso em: 12 out. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologie de l'Algérie**. Paris: PUF, 1958

FANON, F. **Peau noire, masques blancs**. Editions du seuil: 1952.

FANON, F. **Pour la révolution africaine** (écrits politiques). Francisco Maspero: 1964.

FANON, F.. **Les malditos de la terre**. Paris: François Maspero, 1968.

FANON, F.. **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Sá da Costa, 1969.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. tradução de Renato da Silveira . - Salvador :EDUFBA, 2008.

FANON, F.. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2010.

FANON, F.. **Por uma revolução africana: textos políticos**. Trad. Carlos Alberto
Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

GROHS, G.K. Frantz Fanon and the African Revolution. E.U.A.: **The Journal of Modern African Studies**, 1968.

HALL, S. A vida após a morte de Frantz Fanon: por que Fanon? Porque agora? porque preto pele, máscaras brancas? In: READ, A. (Ed.), **O Fato da Negritude: Frantz Fanon e representação visual**. Londres: Instituto de Arte Contemporânea e Artes Visuais Internacionais, 1996.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019

SILVA, A. C. Ideologia do embranquecimento. In I. Costa Lima & J. Romão (Orgs.), **As idéias racistas, os negros e a educação** (Série Pensamento Negro em Educação, Vol. 1, pp. 13-22). Florianópolis: Atilênde Editora, 2002.

SANTOS, B. S. **Para uma concepção multicultural dos direitos humanos**. Zeitschrift für Rechtssoziologie, 01(18), 1997. 1-14.

SARTRE, J. P.. **O existencialismo é um humanismo**. In J. A. M. Pessanha (Org.), Sartre (pp. 33-107, Coleção Os Pensadores, fascículo 57). São Paulo: Nova Cultural, 1987

SANTOS, S. A. **A Lei n. 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento Negro**. In: **BRASIL. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03**. Brasília, DF: SECADI [Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade], 2005. (Coleção Educação para Todos.)

SANTOS, S. A. **Movimentos negros, educação e ações afirmativas**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007. 554 f.

ZEILIG, Léo. **Frantz Fanon, une vie révolutionnaire**. Contretemps/ Éditions Syllepse, nouvelle serie, nº 10, 2011.

